

O materialismo histórico e a pesquisa em educação profissional

Historical materialism and research in professional education

Recebido: 13/03/2022 | **Revisado:**
20/03/2022 | **Aceito:** 25/03/2022 |
Publicado: 25/04/2022

Maria Ciavatta

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5854-6063>
Universidade Federal Fluminense,
maria.ciavatta@gmail.com

Como citar: CIAVATTA, M.; O materialismo histórico e a pesquisa em educação profissional. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 1, n. 22, p. 1 – 15, e13896, Abr. 2022. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

A primeira lição de pesquisa que extraímos do materialismo histórico é que se trata de uma teoria profundamente enraizada nas condições de vida da humanidade de seu tempo, que deve ser historicizada, isto é vista no seu tempo-espaço. Seus conceitos básicos são a totalidade social, mediação, contradição, tempo-espaço e sujeitos sociais. A pesquisa da educação profissional supõe o tratamento da questão do trabalho considerando as condições de vida dos trabalhadores e as relações de trabalho da classe trabalhadora. Vamos, em um primeiro momento, apresentar imagens sobre alguns dos acontecimentos do mundo em que vivemos para pensar sobre a educação profissional e seus fundamentos teóricos; em segundo lugar, vamos nos deter em alguns aspectos da historicidade de materialismo histórico, terceiro, a educação profissional e conceitos fundamentais para a produção do conhecimento.

Palavras-chave: materialismo histórico; educação profissional; imagens fotográficas.

Abstract

The first research lesson that we extract from historical materialism is that it is a theory deeply rooted in the conditions of life of humanity in its time, which must be historicized. Its basic concepts are social totality, mediation, contradiction, time-space and social subjects. Research in professional education assumes the treatment of the issue of work considering the living conditions of workers and the working relationships of the working class. We will, at first, present images about some of the events in the world we live in to think about professional education and its theoretical foundations; second, we will focus on some aspects of the historicity of historical materialism; third, professional education and fundamental concepts for the production of knowledge.

Keywords: historical materialism; professional education; photographic images.

1 INTRODUÇÃO

“Conhecer é isto: cartografar a desordem. Se conhecer fosse cartografar a ordem, seria igual a andar ao redor de si próprio: para trás, portanto.” (TAVARES, 2013, p. 130) .

A necessidade da busca do conhecimento faz parte da história da humanidade desde seus primórdios. Para sobreviver, o ser humano precisou mapear seus espaços, reconhecer suas características, registrar na memória os riscos e o que poderia lhe assegurar a sobrevivência. E assim vivemos hoje, salvo as diferenças de tempo, de espaços geográficos e sociais, de cultura, de possibilidades de produção e de acesso aos bens de que necessitamos. Mas temos hoje um acúmulo de conhecimento impensável para nossos antepassados.

Quando falamos em pesquisa, no mais das vezes, estamos próximos aos primeiros humanos nos desafios de dar forma a nosso objeto de estudo. Temos que cartografar o mundo ao redor, as condições e características do tema de investigação, temos que registrar sistematicamente os dados encontrados e as lacunas, fazer novas perguntas e comparar as possibilidades. E devemos ter claro, de antemão, que nossa forma de ver o objeto de estudo e de entendê-lo na sua especificidade não é a única, outras pessoas podem ter outros pontos de vista, outros embasamentos para interpretar os dados que logramos localizar, mapear, “cartografar a desordem” pôr ordem na realidade encontrada, como diz o romancista Gonçalo Tavares (2013).

Trata-se sempre de pensar a questão do conhecimento em relação ao mundo em que vivemos. Estas questões são pertinentes, de modo particular, quando tratamos das ciências humanas e sociais, de sua aplicação à educação, seus valores, comportamentos e ações desejados pela sociedade, entre os quais, a preparação para o trabalho, a educação profissional. Incluem-se aí, também, os conhecimentos dos sistemas educacionais que podem ou não incluir todas as crianças, todos os jovens e adultos, homens, mulheres e todas as distinções de gênero e de cor de pele e outras características existentes e interpretadas no universo de palavras, das ações, das ciências, da produção poética.

A educação, seja ela profissional, política, científica ou artística, para ser formação humana, deve participar da produção da vida desenvolvendo, nos seres humanos, a capacidade de sobreviver e de respeitar a sobrevivência dos demais. Deve desenvolver empatia, civilidade, cooperação, sociabilidade para o bem comum. Mas a história dos povos registra, naquilo que restou na memória coletiva, a disputa permanente pela produção e acesso aos bens vitais.

Sem fazermos uma retrospectiva, que não é objeto desta reflexão, vamos nos deter no que pauta nossa vida até os dias de hoje, o sistema capitalista. Desde o século XVI, as formas mais arcaicas de servidão e escravização, sofreram transformações no sentido do enriquecimento daqueles que se organizaram para ter a propriedade privada dos bens de produção. Progressivamente, tomou forma a reprodução e acumulação de riqueza pela exploração do trabalho humano, o sistema capital.

Muitos são os autores que se dispuseram a explicar ou a defender esse modo de produção de bens. Aqui, vamos nos deter apenas no seu crítico mais contundente,

Karl Marx (1980 e outros) que elaborou a crítica da economia clássica (David Ricardo, Adam Smith, Jean Baptiste Say, Thomas Malthus) no que veio a se chamar materialismo histórico.

A primeira lição de pesquisa que extraímos do materialismo histórico é que se trata de uma teoria profundamente enraizada nas condições de vida da humanidade de seu tempo, que deve ser historicizada, isto é, vista no seu tempo-espço. Em linhas gerais, a inteligência humana avançou no sentido da expansão do conhecimento, da criação de novas formas de organização do trabalho e das políticas de dominação até século XXI. Convivemos hoje com grandes feitos científicos e tecnológicos, comunicação e deslocamentos pelo planeta que ultrapassam a imaginação, e chegam ao nível da ficção científica. Se o avanço da ciência descobriu o tratamento e a cura de graves doenças, também tem produzido os armamentos que sustentam as disputas hegemônicas de espaços de riqueza e de poder¹, guerras, fome, destruição.

Vamos, em um primeiro momento, apresentar imagens sobre alguns dos acontecimentos sobre os quais temos que ter critérios de posicionamento ao pensar sobre a educação profissional e seus fundamentos teóricos; em segundo lugar, vamos nos deter em alguns aspectos da historicidade de materialismo histórico, terceiro, a educação profissional e conceitos fundamentais para a produção do conhecimento.

2 IMAGENS DO MUNDO EM QUE VIVEMOS

A imagem como fonte de conhecimento não se revela senão por um *détour* além do visual, da aparência presente na representação de algo que deu origem à imagem, à realidade externa com seus objetos e acontecimentos. Sua identificação e compreensão dependem de outras informações que podem ser dadas pela palavra oral ou pela escrita, como no caso das fotografias aqui reproduzidas por jornais de grande circulação.

Nosso objetivo, nesta abordagem da questão do mundo em que vivemos, é chamar a atenção para a totalidade social onde se realiza toda e qualquer pesquisa, tenhamos consciência ou não de suas mediações, dos processos sociais complexos que a constituem. O desafio ao pesquisador é buscar as relações mais pertinentes a seu objeto de estudo. As imagens selecionadas não pretendem atender, diretamente, ao tema de educação profissional, mas chamar a atenção sobre a importância de compreender os mecanismos do sistema capital e algumas de suas consequências. De forma direta, expor o potencial do materialismo histórico para sua análise e o desafio no uso das fontes, particularmente, as fotografias e sua relação como outras fontes históricas.

A Figura 1 é uma fotografia de um lixão no Deserto do Atacama, no norte do Chile, de “toneladas de roupas descartadas na Europa, na Ásia e nos Estados Unidos que chegam pelo porto local, acabam formando montanhas de lixo tóxico” (LIXÃO,

¹ As disputas pela hegemonia global, pelo petróleo, por riquezas minerais e comércio de bens e serviços, traz todos os dias, nestes meses de fevereiro e março de 2022, a migração e a morte de milhares na guerra na Ucrânia, espaço limítrofe que separa a Rússia das potências ocidentais da União Europeia e os Estados Unidos (entre outros, v. FIORI, 2020).

2021, p. 1). Elas simbolizam o drama do desperdício, da produção destrutiva (MÉSZÁROS, 1996), em favor da reprodução e acumulação do capital.

Figura 1 – Lixão de roupas no Deserto de Atacama (Chile)



Fonte: (LIXÃO, 2021, p. 1)

A Figura 2 foi divulgada também por jornal da chamada grande imprensa. Representa outro aspecto do mesmo lixão de roupas descartadas nos países ricos. Jovens mulheres com uma criança examinam peças de roupas que, presumimos, serão utilizadas e/ou comercializadas. O breve comentário que acompanha a foto, destaca que “Pelo menos 39 mil toneladas de roupas se acumulam no deserto, em Alto Hospício, no Norte do Chile, descartadas após entrarem no país pela zona franca de Iquique.” (TRECHO, 2021, p. A24).

Figura 2 – “Trecho do Atacama vira cemitério tóxico da moda descartável”.



Fonte: (TRECHO, 2021, p. A.21).

Figura 3 – População com fome disputa ossos no Rio de Janeiro



Fonte: (VIECELLI, 2021, p. A 26)

A Figura 3 revela o outro lado do desperdício da produção: “População com fome disputa caminhão de ossos no Rio de Janeiro. Crise econômica leva moradores a recorrerem a itens rejeitados por supermercados, como restos de bois.” (VICELLI, 2021, p. A 25).

O que é descartado pela renovação da moda e o lucro produz também a fome no Brasil e em outras partes do mundo. A produção flexível e lucrativa exige baixos salários dos trabalhadores, desregulamentação das relações de trabalho, redução ou ausência de proteção social, falta de saneamento, de água potável, de assistência à saúde, de educação pública.

Figura 4 – Queimada na Floresta Amazônica



Fonte: (GARCIA, 2021, p. 19)

Os problemas econômicos e sociais não se limitam ao empobrecimento e desamparo da população, eles incluem a ganância desenfreada pelos mecanismos de cancelamento dos conselhos e instituições de proteção ao meio ambiente. As árvores, o ecossistema, a biodiversidade das florestas brasileiras são parte de totalidade social da “produção destrutiva” (MÉSZÁROS, 1996), destruição que desenha novos mapas no interior do Brasil e no mapa das ameaças climáticas do planeta.

Diz o articulista (GARCIA, 2021, p. 19): “Brasil emitiu mais de 9,5% de gases-estufa em 2020. Puxada pelo desmatamento, alta foi na contramão da queda mundial de 7% no rastro da recessão gerada pela pandemia”.

Figura 5 – “PGR: Bolsonaro convocou atos antidemocráticos”



Fonte: (TALENTO; MUNIZ, 2021, p. 6).

A Figura 5 é um ato de desacato aos padrões educacionais para o respeito aos objetivos de formação humana segundo os valores da integridade da vida. A arma como símbolo de poder nas mãos do Presidente do país que, simbolicamente, a coloca nas mãos de uma criança que não apenas enfeita a cena, mas retira, visualmente, a gravidade do ato que tem o apelo ao porte de arma e à violência de seu uso. Aparentemente, uma encenação exacerbada pelo mandatário, sua mensagem está no sentido profundo do gesto simbólico de autorizar a violência e a morte que acompanham seu uso. A matéria jornalística focaliza apenas os aspectos jurídico e político:

PGR [Procuradoria Geral da República]; Bolsonaro convocou atos antidemocráticos. Documento enviado ao STF [Supremo Tribunal Federal] no inquérito que apura o financiamento e a organização das manifestações do 7 de setembro aponta que chamado público feito pelo presidente estimulou movimento antidemocrático” (TALENTO; MUNIZ, 2020, p. 6).

Esta manifestação exaltada visualmente para milhões de pessoas, na imprensa escrita e digital, revela o pensamento conservador que avança no mundo, traduzindo-se em políticas restritivas à participação democrática, códigos morais inibidores de abordagens críticas de ideias e “de práticas formativas, de reconhecimento das diferenças étnico-raciais, culturais, de gênero e de religiosidade” (GRUPO; MUSEU, 2020, p. 1), de naturalização do armamentismo e suas consequências.

3 A HISTORICIDADE DE MATERIALISMO HISTÓRICO

A compreensão e a crítica do sistema capital e a ação política para a transformação do trabalho e das condições de vida dos trabalhadores, objetivos de conhecimento e de ação política, de teoria e de práxis, foram a grande causa da obra de toda uma vida, a de Karl Marx. Sua obra *O Capital*, e outros livros, como *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1977), *a Ideologia Alemã - Teses ad Feurbach* (1979) além de *O Manifesto do Partido Comunista* (1986), em coautoria com Frederic Engels, constituem seu legado teórico, histórico e político.

O materialismo histórico não é apenas um potente instrumento de análise da realidade em que nos movemos e que, simultaneamente, constituímos com nossas ideias e ações. É também uma teoria de extremo poder perturbador na análise do modo de produção capitalista, desde o século XVI quando, a partir de formações econômicas pré-capitalistas (MARX, 1985), desenvolve a crítica ao sistema capital (MARX, 1980).

O fato de análises acadêmicas realizarem a crítica às relações perversas de exploração do trabalho humano em favor da apropriação privada do capital, não garante o tratamento historicizado do materialismo. O tratamento historicizado dos fenômenos implica a explicitação dos processos sociais complexos que ocorrem em determinado tempo-espaço sob a ação dos sujeitos sociais. Implica a reconstrução histórica de fatos e acontecimentos, de figuras humanas expressivas de seus tempos, o que Marx faz, em toda sua obra, através de abundante informação empírica e documental.

Como o materialismo histórico, a história e sua própria historicidade podem ser compreendidas em dois sentidos principais inter-relacionados. Primeiro, pela questão do espaço-tempo, onde os seres humanos se movem, atuam, e os acontecimentos ganham significado; segundo, pela compreensão do que seja a história, ciência da memória da humanidade, uma das formas de explicação do que é a aventura de sermos humanos. Assim se expressa o importante historiador francês Jean Chesnaux (1977, p. 7).

Que lugar ocupa o saber histórico na vida social? Atua a favor da ordem estabelecida ou contra ela? É um produto hierarquizado que desce dos especialistas para os "consumidores da história" através do livro, da televisão, do turismo? Ou está, antes de tudo, enraizado em uma necessidade coletiva, uma referência ao passado que atua em todo corpo social, no qual as pesquisas especializadas não são mais que um aspecto entre outros?

Mas a história da apropriação revolucionária do pensamento de Marx pela Revolução Russa de 1917, após a disputa de poder e a vitória de Stalin, sofreu as restrições de qualquer governo autoritário, o silenciamento dos movimentos da sociedade que podem revelar a contestação ao poder e às suas diretrizes. Observamos que muitas análises do sistema capital, que se detêm na crítica à economia política, não explicitam seus elementos históricos, a empiria dos fenômenos estudados no tempo-espaço em que acontecem. De outra parte, críticos do marxismo reduzem o rico pensamento social de Marx ao econômico, reduzem a economia ao econômico, expondo a fratura da ausência da história dos fenômenos econômicos.

A história é a produção social da existência (MARX; ENGELS, 1979, p.39):

[...], o primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, é preciso, antes de tudo, comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material [...].

A afirmação da história como produção da existência é reiterada por Marx (1979) sob vários aspectos. Além deste texto com uma exposição mais teórica da questão, *O Dezoito Brumário* (MARX, 1978) é considerado sua obra clássica de história. E *O Capital* (MARX, 1980) é um exercício detalhado das categorias básicas do materialismo histórico: totalidade, mediação, contradição, ideologia, tempo-espaço, sujeitos sociais. Nada fica apenas no nível teórico abstrato do conceito, todos os objetos de análise contêm os conceitos aplicados à empiria dos fatos e acontecimentos, das quantidades e de seus significados à luz da teoria.

Esta concepção de história consiste, pois, em expor o processo real de produção, partindo da produção real da vida imediata; em conceber a forma de intercâmbio ligada a este modo de produção e por ele engendrada (ou seja, a sociedade civil em suas diferentes fases) como fundamento de toda história. Apresenta a forma de organização jurídico-política, o Estado-nação e explica o conjunto dos diversos produtos teóricos e formas de consciência que nele coexistem, tais como religião, filosofia, moral etc. Segue sua gênese a partir desses produtos; dedica-se a expor “a coisa em sua totalidade (e também, por isso mesmo, examinar a ação recíproca entre esses diferentes aspectos)”. (MARX; ENGELS, 1979, p. 55).

Nesta obra teórica e em outras, de modo exemplar, em *O Capital* (MARX, 1980) e nos eventos históricos narrados no *O 18 Brumário* (MARX, 1978), abre-se uma janela de possibilidades para a compreensão não apenas dos grandes feitos, dos grandes homens, dos príncipes e imperadores, como quer a história tradicional, mas de todos os fenômenos da vida, de todas as classes sociais, das lutas de classe, dos percalços e tragédias de grandes dimensões históricas do desenvolvimento econômico e da ideologia do progresso científico. Seu pensamento não tem o requinte conceitual e metodológico que os “historiadores de ofício” trouxeram na história, principalmente, a partir do século XX, mas tem a clareza teórica de uma concepção que revela a história social e econômica dos processos e ideologias do mundo capitalista em que vivemos.

Reconhecemos quanto devemos ao desenvolvimento da ciência em termos de conhecimento do planeta Terra, de qualidade de vida, de saúde, de conforto e expansão da consciência, do prazer das viagens e da interação com outros povos e outras culturas. Mas temos que ver seu reverso, a síntese do “progresso” que estamos vivendo: a tragédia das guerras, as mudanças climáticas que ameaçam a sobrevivência da vida no planeta. Como países dependentes (MARINI, 2000; FERNANDES, 1972), mantêm as imposições econômicas dos países científica e tecnologicamente desenvolvidos aos países empobrecidos pela exploração de suas

riquezas por aqueles que os colonizaram, organizaram a escravização dos povos africanos para a produção de base capitalista; engendram políticas intervencionistas, oprimem, vendem armas, fomentam guerras e rejeitam seus migrantes.

4 A PESQUISA EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Buscamos delinear agora algumas questões teórico-metodológicas fundamentais para a historicidade da pesquisa em educação profissional. Nossa reflexão detém-se, primeiro, no trabalho e em sua historicidade em uma sociedade de capitalismo dependente como a brasileira; em segundo lugar, nos detemos sobre os fundamentos da pesquisa histórica, tratando a história como processo e como método e seus principais conceitos: trabalho, espaço-tempo, totalidade, mediação, contradição, ideologia, classes sociais. Por último, alguns procedimentos conceituais e metodológicos.

A historicidade da educação profissional, em uma concepção dialética, trata dos fenômenos sociais da vida humana na sua temporalidade complexa, a exemplo dos tempos múltiplos de Braudel (1982), quando fala da longa duração da estrutura, como o modo de produção capitalista; da média duração das conjunturas políticas e culturais; e do tempo breve dos acontecimentos que ocorrem em espaço-tempos determinados.

Pelo trabalho, o ser humano produz os meios de vida e reproduz a si mesmo. A relação trabalho-educação se enraíza nas condições de vida, educação e trabalho na sociedade em que vivemos, no caso, o Brasil, uma sociedade de classes baseada na divisão social do trabalho e na apropriação privada dos produtos do trabalho coletivo, expresso na riqueza social concentrada em bens e serviços (educação, cultura, ciência, tecnologia, arte, comunicação etc.) distribuídos de forma diferenciada para as classes sociais. A compreensão histórica de como as políticas conduzem a esses resultados, implica também o conhecimento de como são representados ao nível dos discursos produzidos pelos sujeitos envolvidos nos acontecimentos e/ou nos relatos e narrativas, a história escrita ou oral, com o recurso às imagens, a mapas etc.

O pensamento histórico-crítico que se elabora em torno desse fato histórico fundamental, passa, no Brasil, necessariamente, pelos projetos de sociedade em disputa. Educar apenas a uma elite abastadas ou educar a todos, os pobres e oprimidos pelo sistema? É uma escolha política educar a toda a população com as deficiências e os agravantes de trabalho escravo e abandono social ou educar apenas os filhos das elites? (MENDES, 1983). Manifesta-se aqui o falso dilema do ensino médio, da formação geral ou profissionalizante gerado por quatro séculos de colonização e um século de República edificada sobre os valores vigentes, modernizados sob o incipiente capitalismo, com requintes de exclusão planejada dos negros e dos pobres.

Se nos detivermos apenas na educação dos trabalhadores, com vistas a dar-lhes oportunidades de acesso à educação e compreensão da complexidade da gênese histórica do trabalho e de suas transformações na atualidade, vemos que tanto o trabalho, quanto a educação ocorrem em uma dupla perspectiva. O trabalho tem um sentido ontológico, de atividade histórica, criativa e fundamental da vida humana; e

tem formas históricas, penosas, socialmente produzidas, particularmente, no espaço das relações capitalistas. (LUKÁCS, 1978).

E a educação tem seu sentido fundamental como formação humanizadora, com base em valores e em práticas ética e culturalmente elevadas. Particularmente, a educação profissional também ocorre em formas pragmáticas a serviço de interesses e valores do mercado, que não são convergentes com o seu sentido fundamental de formação humana, do desenvolvimento pleno do ser humano com todo seu potencial (físico, intelectual, emocional). (GRAMSCI, 1978).

São as relações, tensões, conflitos entre as mudanças conjunturais e a materialidade estrutural de uma determinada sociedade, o tecido social que nos permite apreender, de forma dialética, o sentido e a natureza das alterações das políticas e práticas sociais, do trabalho e da educação, das relações e das condições do trabalho em um determinado momento histórico. A complexidade da apreensão do sentido e da natureza destas mudanças do trabalho se amplia quando o tecido estrutural da sociedade, em suas múltiplas dimensões, apresenta tensões e mudanças abruptas e profundas, sem que haja uma ruptura do modo de produção.

A introdução de novas tecnologias e as transformações da organização do trabalho fornecem muitos exemplos de como as transformações afetam a vida dos trabalhadores, geram ideologias e novas tensões sem mudanças estruturais no modo de produção e na apropriação da riqueza social produzida. São exemplos desses fenômenos as novas formas de contratação e subcontratação dos trabalhadores e as novas denominações das relações entre patrões e empregados, ditos colaboradores. Ocorre, nesta denominação dos assalariados, de empregados, funcionários ou trabalhadores para colaboradores, escamoteando a extração da mais-valia do tempo de trabalho que continua a ocorrer, de forma mais intensa na busca de produtividade e competitividade. Outro exemplo é o chamado trabalho autônomo ou por conta própria, subsumido à uberização, ao trabalho intermitente, à terceirização sem garantias sociais.

Quando falamos em Educação Profissional, a que trabalho e a que trabalhadores estamos nos dirigindo? Temos cerca de 14 milhões de desempregados. Quem são os sujeitos sociais específicos da pesquisa que conduzimos? Os analistas observam que as classes sociais do trabalho nas fábricas, sob o taylorismo-fordismo, têm hoje diversas configurações, em um processo contínuo de desconfiguração sob a nova organização do trabalho, a flexibilização e as inovações tecnológicas, o trabalho em redes, a indústria 4.0. Apenas um dado permanece dando unidade ao que se compreende como classe trabalhadora, a exploração do trabalho, a desqualificação da maioria dos postos de trabalho, a alta qualificação de algumas funções produtivas, as metas de produtividade, as exigências da competitividade até a exaustão.

Metodologicamente, a pesquisa em Educação Profissional deve ter essa visão de totalidade dos fenômenos para não ser apenas uma descrição ou levantamento de dados. Na *Contribuição à Crítica à Economia Política*, Marx (1977, p. 228-229) expressa, no exemplo da população, como se supera a universalidade abstrata dos termos gerais, em que se baseia a linguagem, para chegar ao “real concreto”, “síntese de múltiplas determinações”:

A população é uma abstração se desprezarmos, por exemplo, as classes de que se compõe. Por seu lado, essas classes são uma palavra oca, se ignoramos os elementos em que repousam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc. O capital, por exemplo, sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc., não é nada.

A pesquisa sobre a Educação Profissional implica a compreensão das mediações e contradições dos processos sociais complexos que constituem os fenômenos, tal como Marx explica no exemplo da população. A dependência dos países latino-americanos em relação aos países desenvolvidos é uma das mediações para compreender a questão do trabalho e das classes sociais. Ela é parte da estrutura do modo de produção capitalista. Além da dependência econômica, somos objeto de uma dependência política e cultural que torna o país refém das imposições dos organismos internacionais.

Marini (1987) nos ajuda a pensar sobre outros detalhes das causas da subordinação, da natureza da dependência e de suas implicações. Há uma elevação da educação e da produtividade dos trabalhadores dos países centrais, enquanto as funções cumpridas pela América Latina, na economia mundial, respondem aos requerimentos físicos induzidos pela acumulação dos países industriais. A acumulação nos países desenvolvidos depende “mais do aumento da capacidade produtiva do trabalho do que simplesmente da exploração do trabalhador”, enquanto que, nos países latino-americanos, isso ocorre com maior exploração, baixos salários dos trabalhadores, menos educação. (MARINI, 1987, p.112-113).

Três fatores expressam esta particularidade das sociedades dependentes: (i) o aumento da intensidade do trabalho aparece como um aumento da mais-valia; e não pelo aumento de sua capacidade produtiva, pela educação; (ii) uma maior exploração da mais-valia absoluta em sua forma clássica se manifesta pelo prolongamento da jornada de trabalho; (iii) um terceiro procedimento consiste em reduzir o consumo do trabalhador além de seu limite normal, pelos baixos salários que lhe são impostos. (MARINI, 1987, p. 123-124).

Não que haja relação direta dessas mediações com a educação profissional, mas elas pautam a pouca disponibilidade de recursos para os projetos de educação da população. Traduzem-se nas contradições entre o discurso sobre os investimentos e a situação de penúria física, social e educacional em que a massa da população brasileira sobrevive. Apenas uma visão histórica dos problemas vividos no país pode dar os instrumentos para a compreensão dos rumos da educação profissional, a exemplo dos programas de formação de mão de obra do passado (PIPMO, PLANFOR, PRONATEC) e de outros programas elaborados para beneficiar as empresas.

É também o caso da contradição que representa a contrarreforma do ensino médio (Lei Nº 13.415/17) que criou quatro itinerários formativos (I – Linguagens e suas tecnologias; II - Matemática e suas tecnologias; III - Ciências da natureza e suas tecnologias; IV - Ciências humanas e sociais aplicadas) que preparam para o ensino

superior e o V - Formação Técnica e Profissional, um “desvio” dos estudos de nível superior para os mais pobres que precisam trabalhar mais cedo. Ocorrem, neste caso, a possível redução do tempo de escolarização e dos conteúdos, a sedução do aluno escolher o que quer estudar, sinalizando para o trabalho simples, de menor valor social e de menor remuneração.

É parte do processo de compreensão da lei o estudo das posições ideológicas subjacentes ao texto da Lei e do contexto político, econômico e social que orienta os jovens para o abreviamento da formação para o mercado de trabalho, sem as disciplinas que formam para a leitura das condições de vida das classes sociais, da desregulamentação das relações de trabalho, dos direitos sociais e dos valores da convivência com respeito e civilidade.

Quanto aos procedimentos de pesquisa da Educação Profissional, estes devem ocorrer com a coleta de documentos, revisão de literatura de trabalhos sobre o tema de estudo, levantamento de dados quantitativos e qualitativos, observação participante, com os instrumentos usuais de pesquisa. Marx (1980 e outras) escreveu suas obras com extensa documentação empírica. O diferencial está na análise que não pode se limitar à descrição dos fenômenos, nem a uma visão dos acontecimentos isolados das condições e dos sujeitos sociais que os constituem. Como expusemos acima, o materialismo histórico implica a análise da totalidade social, das “múltiplas determinações” envolvidas no objeto de estudo, nas mediações e contradições que constituem a especificidade de um fenômeno ou acontecimento; na identificação e atuação dos sujeitos, grupos e classes sociais na sociedade capitalista dependente, no espaço-tempo em que vivemos.

A história como processo e como método de investigação obrigam à consideração dos processos sociais em curso. O historiador Enzo Traverso (2012, p. 17-18; CIAVATTA, 2015, p. 48-49) estabelece um roteiro teórico-prático de pesquisa que não se destina apenas aos historiadores. São os seguintes: (i) contextualização, que consiste em localizar o fenômeno ou acontecimento na estrutura social a que pertence; (ii) historicização, que significa localizá-lo no tempo-espaço em que ocorre; (iii) comparação, que significa pôr em confronto os eventos, fenômenos ou acontecimentos; (iv) conceituação, isto é, ter conceitos apropriados para sua análise e não confundir os fatos com suas representações e discursos, suas ideologias de legitimação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos lembrando que a realidade não se esgota nas aparências, na primeira visão que temos dos acontecimentos. O materialismo histórico expressa-se em uma concepção de realidade que tem a história como produção da existência; na consideração da totalidade social dos fenômenos em seu tempo-espaço; na crítica às condições de vida sob o sistema capitalista. Metodologicamente, parte-se do concreto abstrato para o concreto pensado através de suas múltiplas determinações (MARX, 1977, p. 228-229).

O trabalho deixa de ser concebido na sua abstração nominal para ser estudado tal como ocorre nas relações de trabalho e nas condições de vida dos trabalhadores. Conceitos e empiria articulam-se através das categorias gerais de análise e do

trabalho criterioso com as informações contidas em fontes escritas, orais e iconográficas. O trabalho científico articula-se à visão política de modo a fazer da história um instrumento de conhecimento da realidade e de transformação das condições adversas geradas pela reprodução e acumulação do capital.

Concluimos com a advertência contida na *XI Tese ad Feurbach* de Marx e Engels (1979, p. 14): “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo.”

REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, Fernand. (1982). A longa duração. *In*: BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa, Presença.
- CHESNAUX, Jean. **Hacemos tabla rasa del pasado?** A propósito de la historia y de los historiadores. México: Siglo XXI, 1977.
- CIAVATTA, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento**. A historicidade da Educação Profissional. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: RJ Zahar Editores, 1972.
- GARCIA, Rafael. Brasil emitiu mais 9,5% de gases-estufa em 2020. **O Globo**, Mundo, sexta-feira, 29-10-2021, p. 19.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GRUPO THESE; MUSEU Pedagógico. **Memória e História**: registros do desmonte e da resistência da educação pública brasileira (anos 2000...). Rio de Janeiro: UFF- UERJ-EPSJV-Fiocruz; Vitória da Conquista: UESB, 2021.
- LIXÃO de roupas no deserto. **O Globo**, quinta-feira, 11-11-2021, p. 1.
- LUCKÁCS, Gyorgy. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, (4): 1-18, 1978.
- MARINI, Rui M. **Dialéctica de la dependencia**. 9. ed. México: Ediciones Era, 1987.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedric. **Manifesto do Partido Comunista**. 6. ed. São Paulo: Global, 1986.
- MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. trad. João Maia. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Lisboa: Paulo: Estampa, 1977.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MARX, Karl. **O capital**. (Crítica da Economia Política). 2 vol.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedric. **A ideologia alemã** (Feuerbach). São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MENDES, Durmeval T. **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983

MÉSZÁROS, Istvan. **Produção destrutiva e Estado capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1996.

TALENTO, Aguirre; MUNIZ, Mariana. PGR: Bolsonaro convocou atos antidemocráticos. **O Globo**, Política, sexta-feira, 01-10-2021, p. 6.

TAVARES, Gonçalo M. **Matteo perdeu o emprego**. Rio de Janeiro: Foz, 2013, p. 130.

TRAVERSO, Enzo. **Il secolo armato**. Interpretare le violenze del Novecento. Milano: Feltrinelli, 2012.

TRECHO do Atacama vira cemitério tóxico da moda descartável. **Folha de São Paulo**, Mercado, sexta-feira, 12-11-2021, p. A 24.

VIECELI, Leonardo. População com fome disputa caminhão de ossos no Rio de Janeiro. **Folha de São Paulo**, Mercado, quinta-feira, 30-09-2021, p. A 25-26.